

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CAPITAL DE RISCO E EMPREENDEDORISMO

Cerimónia de encerramento e entrega de prémios

Auditório do Banco Popular, Lisboa, 10 de dezembro de 2014

Intervenção do Presidente da CIP, António Saraiva

As minhas primeiras palavras são de felicitações pela realização deste XIV Congresso Internacional de Capital de Risco e Empreendedorismo. Agradeço, na pessoa do Dr. Francisco Banha o amável convite que me dirigiu para me associar a esta cerimónia de encerramento e à entrega dos prémios com que vão ser reconhecidos os empreendedores e as empresas que mais se distinguiram no desenvolvimento das suas atividades.

No final de dia e meio de intenso trabalho, não pretendo, com estas últimas palavras, acrescentar novos contributos nem sintetizar a riqueza das intervenções e dos debates que aqui tiveram lugar.

Gostaria apenas de reter duas preocupações que aqui estiveram presentes. Preocupações que gostaria que fossem plenamente partilhadas por todos nós enquanto responsáveis, no âmbito das nossas funções, por criar um ambiente mais propício ao empreendedorismo, ou para utilizar a expressão aqui invocada, enquanto atores do Ecosistema Empreendedor Nacional.

A primeira preocupação diz respeito à necessidade de trabalharmos em conjunto.

Por todo o País vemos Autoridades Municipais, Universidades, Associações de Business Angels, Incubadores de empresas, Aceleradoras de empresas, Plataformas de Crowdfunding, entre muitos outros, a providenciar gabinetes de apoio, formação dedicada, consultoria, infraestruturas especializadas ou maior acessibilidade a capital.

Falta agora, como referiu o Dr. Francisco Banha na sua intervenção de abertura, desenvolver uma maior complementaridade entre estes diversos atores, ao nível do planeamento, dos investimentos e da atividade.

Retiremos todas as consequências da analogia com o mundo das ciências da natureza, donde provem o conceito de ecossistema: de facto, a riqueza e o dinamismo de um ecossistema, seja biológico ou social, não se afere apenas pelo número e pela diversidade dos seus elementos constitutivos mas sobretudo pelas interações e equilíbrios que estabelecem entre si e com o meio exterior.

Saibamos pois vencer o individualismo que ainda nos caracteriza para alcançar uma maior consonância entre os nossos objetivos particulares e o objetivo comum que nos deve unir: uma maior eficiência total dos resultados produzidos em prol do fomento da capacidade empreendedora e da criação de novas iniciativas empresariais.

A segunda preocupação que gostaria de enfatizar diz respeito à ligação Universidade – Empresa como elemento diferenciador do empreendedorismo qualificado.

Durante várias décadas criámos nas nossas universidades “empregados”, deixando pouco espaço à exploração da criatividade e da inovação. As nossas escolas ensinavam a fazer um *curriculum vitae*, mas não ensinavam a fazer um projeto de negócio.

Isto fazia sentido numa economia onde as grandes empresas pareciam assumir um papel seguro de empregadores.

Mas os tempos mudaram e hoje é patente que esse modelo coloca a nossa sociedade em risco de ser pouco flexível em momentos de crise.

Felizmente que vejo cada vez mais por todo o país exemplos de integração do empreendedorismo nos programas curriculares dos alunos, não só nas Universidades, mas em vários níveis de ensino.

Acredito que essa mudança é essencial para não cometermos os mesmos erros e para ajudarmos as novas gerações a interpretar o ambiente em que vivem de forma diferente, mais crítica, tomando decisões de forma mais autónoma.

Na verdade, os nossos jovens, para se adaptarem aos atuais desafios da sua vida profissional, terão de redescobrir os seus instintos empreendedores e usá-los para criar novos tipos de carreira.

Com efeito, só com atitudes e comportamentos empreendedores, demonstrados dia a dia, se consegue criar prosperidade para os indivíduos, para as empresas e para o País.

A função das Universidades não é só a de transmitir conhecimentos ou desenvolver competências, é também a de criar novo conhecimento e, nesta vertente, a Universidade deve abrir-se ao mundo empresarial e dirigir os seus esforços de produção de novo conhecimento no sentido da sua valorização social e económica, contribuindo para a transformação deste em verdadeira inovação.

Analisando em detalhe o *Innovation Union Scoreboard 2014*, da Comissão Europeia, podemos concluir que o indicador em que Portugal se encontra em melhor posição é o do número de copublicações científicas internacionais. Portugal regista também uma boa classificação nos indicadores relativos à percentagem de PME que introduziram inovação nos seus produtos ou processos ou em termos de *marketing* e organização (contrariando o preconceito de uma menor predisposição das empresas portuguesas para inovar). Mas estamos particularmente mal nos indicadores que estão diretamente relacionados com os efeitos económicos da inovação.

Este desfasamento sugere a necessidade de uma mais estreita ligação entre os meios científicos e empresariais, de modo a colocar as competências de que Portugal já dispõe ao serviço de estratégias e iniciativas empresariais. Estratégias e iniciativas que resultem em novos produtos e serviços, baseados em conhecimento e tecnologia, e em processos mais eficientes.

Transformar novo conhecimento em inovação incorporada em bens e serviços valorizados pelo mercado - é este o grande desafio, que só pode ser vencido mediante o diálogo entre o mundo académico e o mundo empresarial.

Neste campo, estamos a assistir em Portugal a uma evolução positiva. Começam já a ser conhecidos casos de *start ups* protagonizados por gente empreendedora e por ideias saídas da própria Universidade.

Mas há ainda um longo caminho a percorrer para a aproximação de dois mundos que mantêm culturas e linguagens profundamente distintas.

Foi aqui defendida a necessidade de introduzir na fórmula de cálculo do financiamento do Ensino Superior não só critérios objetivos de qualidade e excelência, mas também critérios que possam conduzir as próprias universidades e os académicos/investigadores, para um envolvimento ativo no “jogo de mercado” ao nível das estruturas, dos processos e dos resultados da produção de ciência.

Acrescentaria uma segunda proposta, que parte da constatação de que a progressão nas carreiras académicas ainda é feita, fundamentalmente, em função da produção de conhecimento, independentemente da sua relevância social e económica. Por isso, a contribuição efetiva dos investigadores para os resultados da inovação empresarial, através de experiências de cooperação com as empresas ou de criação de *start-ups* deveria ser valorizada como critério de progressão nas carreiras académicas. Este seria um poderoso incentivo para facilitar a aproximação entre o mundo académico e o mundo empresarial.

Minhas senhoras e meus senhores,

A saudável insatisfação pelos resultados alcançados não nos deve impedir de reconhecer o mérito de quem se destaca pela sua atuação no domínio do empreendedorismo, contribuindo para a criação de riqueza no nosso País e para o reforço da sua imagem nos mercados internacionais.

Para além de uma questão de justiça, este reconhecimento é importante como estímulo e como exemplo.

Propunha, assim, que passássemos desde já à cerimónia de entrega dos prémios Gesventure que este ano foram selecionados.